



# “TEMOS DE DIVERSIFICAR AS FONTES DE FINANCIAMENTO”

A ligação estreita entre os centros de investigação e a indústria é para Elvira Fortunato, investigadora e coordenadora do Centro de Investigação de Materiais, da FCT-UNL, um caminho fundamental que tem de ser percorrido pela ciência em Portugal

● Elvira Fortunato foi a primeira investigadora portuguesa a conquistar, em 2008, uma bolsa internacional acima de 2,5 milhões de euros, atraindo a atenção para o que de melhor se faz na investigação em Portugal.

● Durante anos a investigação produzida nas universidades e nos centros de investigação nacionais era conotada como conhecimento científico produzido de “cientistas para cientistas”, pouco orientada para as empresas. Isso mudou?

● Esse princípio elitista, no mau sentido, tem tendência a desaparecer. A sua existência ou não depende das áreas e do gosto que os investigadores têm pelo que fazem. No meu caso, gosto de trabalhar com empresas, pois o tipo de investigação que faço está mais próximo de aplicações concretas, como é o caso da eletrónica transparente ou do papel eletrónico.

● O aspeto financeiro também será um aliciente...

● Sim, o facto de desenvolvermos projetos com empresas também nos garante algum retorno financeiro, em especial para a contratação de recursos humanos, ou mesmo através da propriedade intelectual,

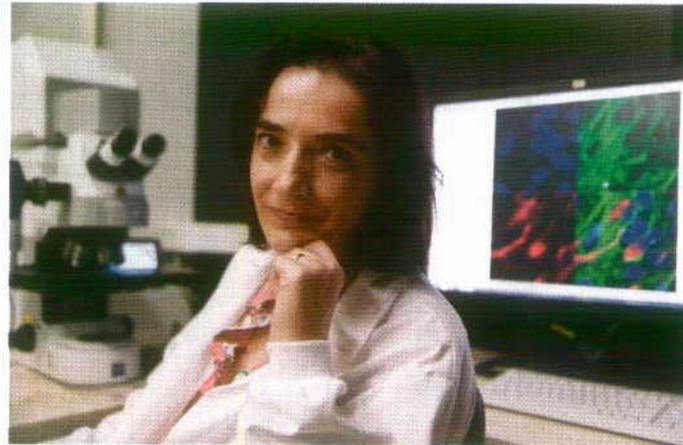


FOTO TIAGO MIRANDA

que são sempre mais-valias. Temos de diversificar, e muito, as nossas fontes de financiamento se queremos manter a *pole position*.

● O que é urgente mudar na investigação nacional e na sua forma de financiamento?

● O que é urgente é não mudar as regras sempre que alguém tussa! Isto é, o sistema tem de ter estabilidade e consistência, associada a transparência, e dar-se algum tempo para se fazer o balanço das ações. Aí, sim, corrigir e implementar o que deve ser. Não podemos estar todos os anos a mudar as regras de atribuição de bolsas ou as tipologias dos concursos, ou não termos uma agenda científica com uma programação, por exemplo, a quatro/cinco anos. É importante que o sistema científico apresente

estabilidade, mesmo que com poucos recursos financeiros, pelo menos sabemos com o que contar.

● O que foi feito com as unidades de investigação em termos de financiamento está, em sua opinião, correto?

● Está, pois os centros possuem um financiamento plurianual a seis anos e dessa forma podemos ter uma estratégia científica. Mas não chega, pois além dos recursos mais diretos temos os recursos humanos e esses também necessitam de estabilidade. Preconizo que no futuro se promovam contratos plurianuais de legislatura com as universidades, envolvendo as componentes pedagógica e científica e que se faça um acompanhamento dos mesmos e um balanço bienal. Esses contratos

deveriam ser consignados, independentemente de quem está no poder, de forma a dar continuidade à ciência, que deve ser global e de interesse estratégico para todos.

● Aproximar a investigação do tecido industrial é um caminho para a estabilidade. O que nos falta nessa área?

● Para aproximar consistentemente a investigação do tecido industrial, acabando com tabus que dão lugar, por vezes, a algum afastamento, é preciso promover redes inteligentes de aplicação do saber (RIAS), não temáticas, mas multidisciplinares, que se entrecruzem na realização de projetos conjuntos e sejam capazes de responder a necessidades a médio e curto prazo das empresas e, em conjunto, responder aos desafios do futuro (que mercado e produtos os utilizadores necessitarão no futuro). É importante que o Estado dinamize as RIAS para que existam anos sabáticos de académicos em empresas para quem queira tomar conhecimento da realidade industrial e saber como usar esse conhecimento na formação e transmitir o seu saber às empresas (que o utilizarão na resolução dos seus problemas). Igualmente relevante é criar posições de consultores técnicos sabáticos, de membros de empresas em universidades, de forma a que se inteirem da investigação que aí se faz, interatuem com elas e percebam de que forma as empresas a que pertencem podem beneficiar desta interação. No limite, serem eles próprios os geradores/ inovadores de conceitos empresariais. ●